

EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*Maria Luiza Pereira Angelim

A Extensão da Universidade de Brasília-UnB, com destacada participação da Faculdade de Educação, desde 1985 (21 anos), tem sido espaço de formação de educadores de jovens e adultos, sob os princípios político-pedagógicos, sobretudo, da educação libertadora de Paulo Freire, motivando uma oportuna reflexão sobre seus limites e possibilidades na Pesquisa, no Ensino e na Gestão democrática como cumprimento da função social desta universidade pública. Considerando parte das iniciativas de formação de educadores de jovens e adultos na UnB, contextualizamos a origem desta universidade e o percurso da extensão, com alguns destaques na ampliação da formação de alfabetizadores para educadores de jovens e adultos, de modo a compartilhar algumas considerações e reflexões.

I – FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE PÚBLICA – origem da Universidade de Brasília e o percurso da Extensão

A Universidade de Brasília-UnB foi concebida no contexto do movimento estudantil pela reforma universitária lançada em Seminário na Bahia, em 1958, da “campanha” nacional em defesa da escola pública, gratuita e laica no debate da LDB/61 e do clima de criação da “nova capital” da república, numa crescente mobilização nacional pela mudança da sociedade comprometida com a consciência nacional e afirmação da cultura brasileira.

Na efervescência política de um país que buscava sua autonomia política num cenário de dependência econômica internacional, em particular, norte-americana, com três Presidentes da República, em menos de dois anos, a Universidade de Brasília foi alvo de polêmica no grande debate da reforma universitária, desde o Projeto de Lei enviado ao Congresso Nacional, em 21/abril/60, ao Plano Diretor elaborado pela comissão especial presidida por Darcy Ribeiro, criada por decreto presidencial, em 20/julho/60, à lei de criação nº 3.998 aprovada na crise da renúncia do Presidente Jânio Quadros, em 25/agosto/61 e assinada, em 15/dezembro/61, ao decreto presidencial nº 500 de constituição como Fundação pública, tendo a sua implantação abortada pelo golpe militar de março/64.

De modo mais significativo, contribuíram o antropólogo Darcy Ribeiro (1º Reitor), o educador Anísio Teixeira (2º Reitor), o pensador português Agostinho da Silva, o Frei dominicano Mateus da Rocha e outros atraídos pelo desafio da oportunidade política única de

*Professora Ms da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, membro GATEAD e GrupoCTAR

construírem uma Universidade com a cidade.

O Plano Diretor da UnB propunha o exercício da autonomia com “autogoverno” orientado para o efetivo compromisso de pesquisa/ensino sobre os problemas nacionais e entre outras inovações, a integração das tecnologias de informação e comunicação vigentes (Editora, Centro de Teledifusão - Rádio e TV universitárias) com laços orgânicos com o original e não superado sistema educacional do Distrito Federal (escola-classe/escola-parque criada em bairro da periferia de Salvador-1958), razão primeira da Faculdade de Educação.

É bastante oportuno refletir sobre a atualidade das seguintes palavras de Darcy Ribeiro, em 1978:

“(...) a UnB é, sobretudo, o compromisso de esforçar-se, permanentemente, incansavelmente, para ser a Universidade necessária. Aquela que, ademais de construir-se a si mesma como deve ser, a casa da cultura brasileira, se faça capaz de ajudar o Brasil a formular o projeto de si próprio: a nação de seu povo, ordenada e regida por sua vontade soberana, como o quadro dentro do qual ele há de conviver e trabalhar para si próprio. Não pode ser outra a tarefa de uma nação dependente no plano externo e oprimida internamente. Uma nação cativa de elites infecundas que, não lhe permitindo nunca organizar-se para o seu próprio povo, se viu retardada na sua evolução histórica. Esta nação frustrada é que requer da sua Universidade as armas intelectuais de que necessita vitalmente para o salto revolucionário, que lhe permitirá realizar suas potencialidades a fim de integrar-se, um dia, autonomamente, na civilização do seu tempo como uma sociedade avançada, próspera e solidária.” (Ribeiro,1978,p.43-44).

Mais adiante:

“O que nos propúnhamos era, por conseguinte, fazer da Universidade de Brasília aquele centro de pesquisas completo, por cobrir todas as áreas, e organicamente integrado numa estrutura unificada, que lhes permitisse operar num alto nível, tanto para o cultivo e o ensino da ciência, como para o estudo crítico dos temas socialmente relevantes, e ainda para a realização das pesquisas de maior importância estratégica para o desenvolvimento autônomo do Brasil.” (Ribeiro,1978,p.93).

A função social da UnB no seu sentido radical está, portanto, na sua própria origem e finalidade última, integrando pesquisa e ensino comprometidos com a sociedade brasileira, em particular, com a nova capital.

A Extensão marcada pela afirmação da cultura brasileira realizava-se na UnB, como relata o professor jornalista Pompeu de Souza:

“(...) no Centro de Extensão Cultural – que já no primeiro semestre de funcionamento, oferecia à população da capital nascente nada menos de 48 cursos diversos, desde níveis pré-universitários até pós-graduação, cursos que levavam a Universidade para a cidade e traziam a cidade para a Universidade; o Seminário de Problemas Brasileiros – que reunia no nosso auditório dos Dois Candangos as mais altas figuras da inteligência brasileira e da cúpula dos Três Poderes da República, para uma tomada de consciência e discussão dos temas mais importantes da vida nacional; o Seminário das Estruturas Docentes – que, já em dezembro de 63, promovíamos para um reexame das estruturas planejadas originalmente e vistas agora à luz da experiência dos quatro primeiros semestres de funcionamento.” (Souza,1978, p.9-10).

Sobre esta Extensão Professor Agostinho da Silva comentou, em outubro de 1964:

“Hoje, preocupam-se as Universidades em procurar o povo por meio de Serviços ou Centros de Extensão Cultural, no que fazem muito bem, e veríamos os organismos como os mais importantes no que se refere à vida externa da Universidade; mas, se os Governos nos cortassem as verbas ou se deixássemos de depender do que desejam os milionários poupar a seus impostos de renda, talvez tivéssemos de ir ao povo, mas de modo diferente: não para lhe ensinar uma ciência que o não interessa ou de que não precisa, mas para aprendermos dele como se vive com o pouco; no processo, ele aprenderia igualmente de nós aquilo que de facto requer. E talvez, lentamente, como do mosteiro beneditino surgiu a Europa, o povo se agrupasse à volta de Universidades e uma raça nova de sábios, monges e soldados viesse a resolver, no mundo actual, bem frágil e ameaçado, ou por entre os baldios que deixará de si a guerra nuclear, problemas que hoje, pelas nossas separações, pelas fatais divisões de trabalho que a história trouxe, nos aparecem com insolúveis. E talvez também que nunca mais passasse pelo espírito de ninguém, ao contemplar as atividades universitárias, a reflexão do labrego espanhol vendo o pintor que, absorvido, coloria sua tela no campo:<Lo que inventan los hombres para no trabajar.>” (Silva,1964,p.36).

Importante é lembrar que, a partir de 1962, Paulo Freire chefiava o Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco onde, também participante do Movimento

de Cultura Popular, desenvolvia, em equipe, a pesquisa/ensino/extensão em alfabetização de adultos, sob os princípios de um sistema de “*educação como prática da liberdade*”, que o credenciou a assumir a coordenação, em Brasília, do Plano Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura-MEC, Plano este extinto pelo golpe militar de 64.

Interrompida na implantação do seu Plano Diretor original, a UnB passa a fazer parte da história comum da extensão universitária, esta oriunda da extensão rural. Estudos realizados por Gurgel (1987) e Reis (1988) indicam duas linhas de ação: a) “eventista-inorgânica”, de 1911 a 1969, caracterizada pela prestação de serviços ou a realização de eventos isolados e desvinculados do processo formativo e de produção de conhecimento da Universidade, a qual se apresenta como *lócus* de saber e a sociedade é tomada como *lócus* de ignorância; b) “orgânica processual” no sentido amplo, devido ao período ditatorial, caracterizada pelo desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricadas ou inerentes ao processo formativo (ensino), produção de conhecimento (pesquisa) da Universidade, em parceria político pedagógica com a sociedade civil ou política, na qual a Universidade e a sociedade são simultaneamente *lócus* de formação do ser humano e da produção do conhecimento de contribuição transformadora dessa sociedade.

No período inicial da construção democrática da UnB e mobilização pela autonomia política do Distrito Federal, em 1985, o primeiro exercício do voto é conquistado para eleição de diretores nas escolas públicas. Esse contexto possibilitou a alfabetização de jovens e adultos, na concepção freireana, como decisão de uma assembléia na escola pública com participação de representantes de organizações populares e como prática de estágio supervisionado de estudantes da Escola Normal de Ceilândia, sob a orientação de mestrandos da Faculdade de Educação da UnB. Esta experiência foi uma pesquisa-participante e/ou pesquisa-ação, envolvendo cinco mestrandos e sete normalistas como grupo autor do conceito “*educar é descobrir*”, gerando duas pesquisas (Angelim,1988; Coutinho,1988), ambas aplicando o método observacional de base etológica com uso de audiovisual e a produção de um programa em videotape “Educar é descobrir”(Coutinho,1986), incorporado ao processo de formação de alfabetizadores e de mobilização da comunidade. Neste caso, a pesquisa e o ensino motivou, um ano depois, o reconhecimento formal da alfabetização de jovens e adultos como atividade da extensão reorientada pela UnB.

A UnB teve *campus* avançado distanciado da nova capital e, na sua transição democrática, esse *campus* foi desativado e substituído pelo *campus* aproximado ou Núcleos Permanentes de Extensão, em 1986, na Ceilândia e, em 1987, no Paranoá, cidades do Distrito Federal e no entorno, em 1986, no município goiano de Luziânia-na área Novo Gama

(emancipada em 1994), havendo nos três Núcleos projetos de alfabetização de jovens e adultos integrados às lutas sociais, com intensa formação de jovens educadores populares.

Importante é registrar que, concomitantemente, o Decanato de Extensão reorienta o Programa de Educação a distância tradutor da *Open University* e cria a Coordenadoria de Educação a Distância que apóia os cursos “Constituição e Constituinte” e “O Direito achado na rua”, transformando-a no Centro de Educação Aberta, Continuada e a Distância –CEAD, em 1988, com a colaboração de professores da Faculdade de Educação, também dedicados à pesquisa/ensino/extensão em Educação de Adultos (Garrafa,1989).

Em 1988, sob o desafio da nova Constituição Federal (Art.60º das Disposições transitórias) a UnB, em parceria com a Fundação Educar, sob a influência entre outras, da experiência da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, premiada pela UNESCO, em 1986, desenvolveu, em Ceilândia, um significativo projeto de alfabetização de jovens e adultos com formação de 120 educadores populares (jovens da comunidade e estudantes de graduação em licenciaturas). Tal projeto ensejou uma ampla articulação de todos segmentos envolvidos nas ações alfabetizadoras e, no bojo da preparação do Ano Internacional de Alfabetização/1990, resultou na criação do Grupo de Trabalho Pró-alfabetização do Distrito Federal e Entorno-GTPA/DF, em 20/outubro/1989, como espaço político organizado da sociedade civil, de exercício de parcerias com autonomia, democrático e aberto a pessoas, movimentos, grupos, associações, sindicatos, empresas, universidades, entidades interessadas nas ações em prol da alfabetização de jovens e adultos no DF e entorno (GTPA-FÓRUM EJA/DF,2006).

O ambiente constituinte federal conjugado ao acirramento da conquista da autonomia política do Distrito Federal (primeira eleição-1990) proporcionou, no âmbito da extensão, a crítica à tendência de expansão da UnB por Núcleos territorializados (“UnB endereço”), reorientando-se por um Programa coordenador da participação dos setores organizados da sociedade na elaboração da Lei Orgânica, aprovada em 08/junho/93. Tal Programa resultou entre outras ações, por iniciativa do GTPA/DF, na inclusão do art.225 e, nas Disposições transitórias, o art.45 sobre a obrigatoriedade de oferta pública da alfabetização de jovens e adultos em parceria com os movimentos sociais, por emenda popular com maior número de assinaturas e, também, registros digitais de pessoas não alfabetizadas.

Com participações episódicas em eventos nacionais e latino-americanos, somente no seu IX Encontro-dezembro/2002, o GTPA/DF credenciou-se como Fórum legítimo da Educação Básica de Jovens e Adultos do Distrito Federal, junto ao movimento

social dos demais 18 Fóruns estaduais já criados, apresentando-se e integrando-se no 3º Encontro Nacional dos MOVA's, em Goiânia-GO/2003 e no V Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos –ENEJA, em Cuiabá-MT/2003.

Ao longo de dezesseis anos, o GTPA-Fórum EJA/DF tem sido um espaço político-pedagógico privilegiado na formação continuada de educadores populares da comunidade, jovens com nível de ensino médio incompleto e completo e estudantes de graduação em licenciaturas, não só pela extensão da UnB, seja Decanato e Faculdade de Educação, como organizações não governamentais de base popular que se instituíram como formadoras, tais como: Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá-CEDEP, Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia-CEPAFRE, premiada pelo MEC com a Medalha Paulo Freire em 2005, Centro de Educação, Pesquisa, Alfabetização e Cultura de Sobradinho-CEPACS e Serviço Paz e Justiça-SERPAJUS/Novo Gama-GO, tendo como área de abrangência vinte e oito municípios em oito estados:Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Acre, grande parte com apoio do governo federal pelos Programas Alfabetização Solidária e/ou Brasil Alfabetizado.

Ao longo de 21 anos, embora sem informações quantitativas precisas, é possível identificar que, a grande maioria dos educadores populares formados concluíram o ensino médio, graduaram-se, principalmente, em Pedagogia, Filosofia, Letras, Artes e História; e alguns concluíram pós-graduação *lato sensu* Especialização em Educação a distância e/ou *stricto sensu* Mestrado, principalmente, em Educação e um, está doutorando-se em Sociologia. Muitos deles são, atualmente, professores efetivos ou temporários do sistema público de educação do Distrito Federal e, na medida da conjuntura política mais ou menos favorável, exercem o magistério e/ou gestão na Educação de Jovens e Adultos.

A formação de educadores de jovens e adultos, principalmente alfabetizadores, pelo seu caráter orgânico, tem sido referência, dentre outras, às iniciativas mais recentes de extensão da UnB, tais como: a) Projetos de Ação Contínua como base de referência para a implementação dos 10% de crédito de extensão obrigatório nos currículos de cursos de graduação, conforme Lei 10.172/01 (PNE-item 23), que se constitui uma fundamentada reivindicação do movimento Extramuros, iniciado por estudantes de graduação de vários cursos, em 2002; b) criação e equivalência do Programa de Incentivo à Bolsa de Extensão-PIBEX ao PIBIC; c) implementação do Projeto Conexões de Saberes, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade-SECAD do MEC. Estas iniciativas conjugadas ao desafio da política pública federal de expansão da UnB com a criação de pólos nas cidades de Planaltina, Ceilândia e Gama, simultaneamente, à adesão

desta Universidade ao programa federal da Universidade Aberta do Brasil-UAB, condicionado a vínculos orgânicos com municípios do entorno, anunciam mudanças mais profundas na extensão, tendo em vista, sua crescente interface com a pesquisa e o ensino, este mediado ou não pelas linguagens em ambiente virtual multimídia.

Nos seus 45 anos de existência, a Universidade de Brasília vive as contradições dos diferentes projetos de sociedade brasileira presentes, nos sujeitos individuais e, sobretudo, coletivos, que dela participam. Estas contradições, num cenário bem mais complexo da dependência internacional do Brasil, expressam-se no tensionado exercício da autonomia universitária (CF1988-Artigo 207: “As Universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissolubilidade entre ensino, pesquisa, extensão), na conquista progressiva da gestão democrática, cenário no qual, o desafio de realizar sua função social constitutiva em sua origem, exige formulação de estratégias político-acadêmicas capazes de reinventar a UnB dos brasilienses “candangos” e dos brasileiros, no sentido universal, conforme expressou o geógrafo Milton Santos, na passagem dos 500 anos de Brasil, citação a seguir:

“A questão central que nos ocorre, sobre a nossa interpretação de nós próprios, nesses chamados 500 anos de Brasil, é a seguinte: é possível opor uma história do Brasil a uma história européia do Brasil, um pensamento brasileiro em lugar de um pensamento europeu ou norte-americano do Brasil, ainda que conduzido aqui por bravos “brazilianists” brasileiros? Não se trata de inventar de novo a roda, mas de dizer como a fazemos funcionar em nosso canto do mundo; reconhecê-lo será um enriquecimento para o mundo da roda e um passo a mais no conhecimento de nós mesmos. Ser internacional não é ser universal e para ser universal não é necessário situar-se nos centros do mundo. Inclusive pode-se ser universal ficando confinado à sua própria língua, isto é, sem ser traduzido. Não se trata de dar as costas à realidade do mundo, mas de pensá-la a partir do que somos, enriquecendo-a universalmente com as nossa idéias; e aceitando ser, desse modo, submetidos a uma crítica universalista e não propriamente européia ou norte-americana.” (Santos,1999).

No contexto atual, a Extensão pode cumprir um papel importante na UnB, em particular, qualificando a gestão democrática na implementação do seu Conselho Comunitário estatutário (à semelhança do Conselho Social de Desenvolvimento proposto no Projeto de Lei 7.200/06 da Reforma da Educação Superior do MEC), de modo a explicitar a demanda da sociedade organizada pela pesquisa/ensino/extensão para, no momento próprio, atualizando a

“fundação autônoma” da UnB, esgotar-se como função acadêmica, conforme sugere o sociólogo Boaventura Santos:

“A universidade é talvez a única instituição nas sociedades contemporâneas que pode pensar até as raízes as razões por que não pode agir em conformidade com o seu pensamento. É este excesso de lucidez que coloca a universidade numa posição privilegiada para criar e fazer proliferar comunidades interpretativas. A “abertura ao outro” é o sentido profundo da democratização da universidade, uma democratização que vai muito além da democratização do acesso à universidade e da permanência nesta. Numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida assenta em configurações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades, hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino.”(Santos,1996,p.225).

II – DA FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORES - EDUCADORES POPULARES À EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS – alguns destaques

A extensão na UnB, com a colaboração da Faculdade de Educação, tem uma forte contribuição na formação de alfabetizadores de jovens e adultos, credenciando-se, mais recentemente, na formação de Educadores de Jovens e Adultos, sobretudo pela produção de pesquisas dos Grupos Lattes/CNPq: a) GENPEX – Grupo de Ensino/Pesquisa/Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-culturais¹ (Reis,2000); b) GATEAD – Grupo de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologia e Educação a distância².

Destacam-se, a seguir, algumas experiências de formação, que representam desafios atuais:

1. Formação inicial e continuada de Alfabetizadores de Jovens e Adultos

Sob o princípio de constituição do sujeito alfabetizador(a)/gestor(a), afirma-se a vida em movimento ou a vida na história de cada um(a), na formação do povo brasileiro (Ribeiro,1995; Jecupé,1998; Silva,1966; Leonardi,2005; Ferreira Santos,2005), no lugar, nas linguagens dos sons, das cores, das formas, das letras, dos números, da língua portuguesa influenciada pelas culturas indígenas e afro-brasileiras, em práticas de observação direta e em audiovisual, oficinas, fórum deliberativo, estudos em grupos presenciais e em ambiente virtual com mediadores de aprendizagem e intervenção diretiva de auto-organização da Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em rede-CTAR.(Grupo CTAR,2004). Como projeto

¹Coordenador Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis da Faculdade de Educação da UnB

²Coordenadora Profa. Dra. Raquel de Moraes da Faculdade de Educação da UnB

de ação contínua de extensão, permanente e orgânica abrange as cidades do Distrito Federal, destacando-se nas suas especificidades Paranoá (Reis,2000) e Ceilândia e na região do entorno os municípios de Goiás: Valparaíso, Novo Gama e São João D´Aliança.

2. Projeto de extensão “Alfabetizar alfabyteizando” e Curso de extensão- “Alfabetizando com Paulo Freire”³

Em ambiente presencial e virtual multimídia, no qual o conceito de CTAR foi construído por um grupo autor no 3º Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância 1999/00⁴, a elaboração colaborativa de um Projeto de extensão “Alfabetizar alfabyteizando” por um grupo de alfabetizadores e gestores com experiência acumulada, permitiu desenvolver e dimensionar as possibilidades e limites da formação de alfabetizadores de jovens e adultos nos ambientes presencial e virtual, este com uso de ferramentas de gerenciamento de curso – virtul-U da Simon Fraser University e de Elaboração colaborativa de Projeto Institucional desenvolvida, sob orientação do mesmo grupo autor da CTAR, em software livre (Oliveira,2003). Deste projeto resultou o Curso de extensão – “Alfabetizando com Paulo Freire”- ênfase na educação ambiental, de 80 horas, com uso da ferramenta *software livre moodle*, em fase de conclusão da primeira turma e rigorosa avaliação da sua efetividade para possíveis ajustes de caráter pedagógico, tecnológico e administrativo.

3. Portal Fóruns Estaduais e Distrital de EJA Brasil www.forumeja.org.br em desenvolvimento

Em 1998, iniciou-se a pesquisa para o desenvolvimento do Observatório UNESCO/UnB “Inclusão educacional e Tecnologias interativas”⁵ sobre o tema: Alfabetização de Jovens e Adultos, cujos resultados parciais foram apresentados no 4º Encontro Nacional do MOVA-Brasil (Campo Grande-MS,2004) e no VI Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos-ENEJA (Porto Alegre-RS,2004), contribuindo para desencadear duas pesquisas significativas como introdução das linguagens tecnológicas de informação e comunicação virtual no movimento social dos Fóruns estaduais e distrital de EJA. A primeira pesquisa foi o desenvolvimento e manutenção de página web em software livre⁶, capaz de corresponder à dinâmica da construção coletiva na organização de dois eventos nacionais coordenados pelo GTPA-Fórum EJA/DF, em Brasília -5º Encontro Nacional do MOVA-BRASIL (15-17/06) e

3 Coordenadora Profas. Dra. Leila Chalub Martins e Ms.Maria Luiza Pereira Angelim da Faculdade de Educação da UnB

4 Coordenadora Profa.Ms Maria Luiza Pereira Angelim e demais membros do Grupo CTAR da Faculdade de Educação da UnB

5 Coordenadora geral Profa. Dra. Maria Rosa Abreu, coordenadora temática-Alfabetização de Jovens e Adultos:Ms. Maria Luiza Pereira Angelim com a colaboração do técnico-administrativo e educador popular Francisco Góis da Faculdade de Educação da UnB.

6 Orientador Prof.Ms Leonardo Lazarte do Departamento de Matemática do Instituto de Matemática Monitor Ezequiel Antonio Rezende Pereira Neves – estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB

VII ENEJA (30/08-02/09), ambos em 2005 – criando/exercitando a cultura virtual multimídia. A segunda pesquisa, em desenvolvimento colaborativo na configuração do Portal de domínio “org” dos Fóruns estaduais e distrital de EJA – www.forumeja.org.br, contemplando a complexa lógica da teia de relações que entrecruza segmentos (movimento popular, movimento sindical, governo, universidade, empresa-sistema “S”, ONGs, poder legislativo, ministério público, educadores, educandos), temas diversos de educação (jovens e adultos, do campo, ambiental, escolar indígena, relações étnico-raciais, genero-mulheres, orientação sexual/homoafetivos, pessoas com necessidades educativas especiais-PNEE, prisional, jovens em risco e outros) e unidades federadas estaduais e distrital com uso da ferramenta *drupal* em *software* livre. Tais pesquisas, caracterizadas como pesquisa-ação, no sentido amplo, foram desenvolvidas, sob a orientação de professores da Faculdade de Educação⁷ e do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia e Conhecimento-CDTC⁸ da UnB, criando condições de oferecer, com o apoio da SECAD/MEC, um ambiente virtual colaborativo para os 27 Fóruns estaduais e Distrital com desenvolvimento descentralizado e para a formação de professores e gestores de Educação de Jovens e Adultos.

4. Curso de extensão – aperfeiçoamento “Educação na Diversidade”⁹

Por iniciativa da SECAD/MEC, no interesse de formar professores e gestores estaduais, distrital e municipais na Diversidade, contemplada pelas cinco coordenações de áreas de educação: de jovens e adultos, do campo, de relações étnico-raciais, escolar indígena e ambiental, o Decanato de Extensão da Universidade de Brasília com quatro professores da Faculdade de Educação, membros do GPATEAD, aceitou o desafio de realização de um curso de extensão – aperfeiçoamento “Educação na Diversidade” de 240 horas, em ambiente virtual condicionado ao uso da ferramenta “eproinfo” do MEC, com meta de 1.000 alunos, distribuídos proporcionalmente nas cinco áreas referidas, abrangendo todas as regiões brasileiras. Este curso está em desenvolvimento (iniciado em abril/2006), com uma proposta pedagógica de constituir uma CTAR na Diversidade, a partir da própria gestão compartilhada interinstitucional, com uma coordenação pedagógica que contempla a construção coletiva no exercício dinâmico expresso nas singularidades complementares dos diferentes sujeitos de saberes, ou seja: coordenação geral, coordenadores de áreas da SECAD, coordenadores temáticos, mediadores, estudantes, administradores da ferramenta, pessoal de apoio acadêmico e administrativo.

⁷ Profs. Dra. Laura Maria Coutinho, Dr. Lúcio Teles, Ms Maria Luiza Pereira Angelim

⁸ Coordenador Prof. Ms Leonardo Lazarte do Departamento de Matemática do Instituto de Matemática da UnB

⁹ Coordenadoras Profas. Ms Carmenísia Jacobina Aires e Ms Ruth Gonçalves de Faria Lopes da Faculdade de Educação da UnB

5. Projeto Cinepopular – conhecimento e linguagem audiovisual

Esse projeto de formação em linguagem audiovisual de alfabetizadores e alfabetizados¹⁰, aberto à comunidade, é fruto da introdução desta linguagem na formação dos alfabetizadores, desde 1985, da reflexão de educadores populares do CEPAFRE e da pesquisa de um dos seus membros da diretoria colegiada (Torres,2005), iniciada em 2003, consistindo, atualmente, na exibição e debate de filmes com registros, observações e avaliação do trabalho realizado ao final de cada sessão, até então mensal, sendo itinerante e mobilizadora por um primeiro cinema na cidade de Ceilândia.

III – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

Diante do exposto, nos limites desta abordagem, uma primeira aproximação da extensão como espaço de formação de educadores de jovens e adultos na UnB, no sentido mais geral, pode conduzir à compreensão de uma confluência de olhares que se complementam, desde a tomada de consciência histórica do propósito original, desta universidade, no contexto da sociedade brasileira e brasiliense “candanga”, ao processo conflituoso de afirmação de sua autonomia, sobretudo das prioridades de pesquisa e de ensino, ao longo desses 45 anos.

Cabe “re-fletir” sobre a origem desta universidade, radicalizando, indo às raízes do sentido universal no singular do aqui-agora permanente, desafiando-se no servir ao povo não como populismo, mas com respeito *ao saber de experiência feito* no dizer de Camões e com o compromisso de afirmação da humanidade na identidade brasileira feita nos trópicos. Identidade que “re-conhece” nossas raízes nos povos indígenas, africanos e portugueses, estes sobretudo, açoreanos herdeiros do culto popular do Espírito Santo (Silva,1967).

Em nossa sociedade, 68 milhões de brasileiros(as) com 15 anos e mais têm o ensino fundamental incompleto (PNAD 2003/IBGE), destes(as) 32 milhões com menos de quatro anos de estudos e 14,6 milhões de pessoas não alfabetizadas, sendo atendidos(as) pela Educação de Jovens e Adultos, apenas 6 milhões de pessoas (8,8% da demanda social). No Distrito Federal, incluídas 54.247 pessoas não alfabetizadas, grande parte construtores da nova capital, são 634.026 pessoas com o ensino fundamental incompleto, correspondendo a 32,8% da população (Codeplan 2004), sendo apenas 7% atendidas pela Educação de Jovens e Adultos (GDF/SEE 2004) – EJA é um grande problema produzido pela sociedade e, como tal, a solução possível, que não se reduz à formação de educadores, requer uma ampla mobilização de todos os sujeitos coletivos envolvidos, inclusive a universidade!

¹⁰ Assessoria pedagógica da Profª. Dra. Laura Maria Coutinho da Faculdade de Educação da UnB

É curioso observar que este problema - EJA entra, formalmente nesta universidade, pelo ensino e pesquisa na forma de atendimento à alfabetização de jovens e adultos, posteriormente reconhecida como atividade de extensão. Ampliando-se como Educação de Jovens e Adultos no conceito da continuidade, ou seja, de educação ao longo da vida, aprofunda não só as suas possibilidades de ensino e pesquisa, como integra-se ao debate da função social da universidade e do desafio do processo educativo mediado ou não pelas linguagens tecnológicas multimídia em ambiente virtual.

Com o educador Paulo Freire, o sentido mais profundo da educação libertadora pode significar o exercício de iniciação, a partir das suas três máximas propostas, em 1968, em sua obra clássica *Pedagogia do Oprimido*, citadas a seguir, podendo ir além, pelo processo de auto-hetero-ecoformação (Pineau,2000; Galvani,2002):

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho:

Os homens se libertam em comunhão” (Freire,1987p.52)

Ninguém educa ninguém, ninguém educa si mesmo,

os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”(Freire,1987p.68)

“A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (Freire,1987p.84)

Neste sentido, compartilhamos alguns referenciais teóricos presentes em EJA nesta universidade como Educação Básica e, para além dela, como proposta político-pedagógica de uma Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede-CTAR, já mencionada.

“A concepção de uma Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede – CTAR – partiu de valores pedagógicos e variadas experiências docentes que afirmam a possibilidade de uma educação tecnológica baseada no diálogo, em oposição à transmissão verticalizada e assimétrica de conteúdos e conhecimentos; a ação cooperativa e colaborativa entre os sujeitos, em vez da competição individualizada; o trabalho reflexivo, em lugar do acúmulo de informações; o uso da comunicação em rede para a convivência, em vez do isolamento no individualismo e, finalmente, uma EAD fundamentada numa ação transformadora em vez de ação para a reprodução. Estas são algumas idéias postas em prática que levam à afirmação de que uma outra EAD é possível.

Um grupo interdepartamental e interdisciplinar de 14 professores, a grande maioria da Faculdade de Educação da UnB, identificado na práxis educativa pela influência comum dos princípios político-pedagógicos do educador Paulo FREIRE (1997), pela constante defesa da educação pública e, em diferentes tempos (desde 1963) e

graus, pelas experiências acumuladas com as TIC, em particular, na chamada Educação a Distância, constituiu-se como grupo-autor do conceito de Comunidade de Trabalho / Aprendizagem em Rede (CTAR), assim definida: “Educação aberta, apoiada na pedagogia da autonomia, exercida numa comunidade de trabalho / aprendizagem em rede, utilizando com propriedade as tecnologias de informação e de comunicação”.

Referenciado por bases teóricas, inicialmente eleitas, o grupo CTAR desafiou-se num processo contínuo e atualizado de aprendizado das possibilidades e limites das TIC colocadas à serviço da construção coletiva do conhecimento entre sujeitos de saberes. Assumiu como propósito a criação de uma competência institucional conjugada à qualificação especializada de professores e outros profissionais, em Educação a Distância.

Os referenciais teóricos remetem, principalmente, ao educador Paulo FREIRE (1997) com a sua proposta de “educação libertadora”, de “pedagogia da autonomia”, de “círculo de cultura”, de “diálogo entre sujeitos de saberes” que enraizados em sua cultura podem recriá-la. Outras contribuições complementares, não menos importantes, como de Ubiratan D’AMBROSIO (1997) sobre o papel da educação na emergente “era da consciência”; de René BARBIER (1998) na abordagem transversal da educação de que, entre outros, resulta uma “escuta sensível”; de Edgar MORIN (1995) sobre a visão de totalidade, transdisciplinaridade e implicação da subjetividade na “epistemologia da complexidade”; de Jacques ARDOINO (1998) sobre a “multirreferencialidade” na compreensão da práxis educativa instituinte; de Pièrre LÉVY (1998) na projeção da importância da formação dirigida para as qualidades humanas na “cosmopédia do período neolítico”; de Humberto MATURANA (1995) sobre as bases biológicas do entendimento humano e o sentido da criatividade singular da “autopoiesis”; de Manuel CASTELLS (1999) sobre a compreensão dos desafios impostos pela “sociedade em rede” e, por fim, do Relatório DELORS/UNESCO (1996) na explicitação dos quatro pilares da sociedade educativa do século XXI: “aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos ou com os outros, aprender a ser”. (GrupoCTAR,2004)

A *teia da vida* (Capra,1998), quando enfatiza as relações de tendência colaborativa nos sistemas vivos, assemelha-se ao ambiente amoroso como condição ao desenvolvimento da criatividade humana (Maturana,1995) e às interações simbólicas

(imagens), práticas (gestos) e epistêmicas (conceitos) da auto-hetero-ecoformação (Pineau&Galvani,2002), possibilitando assumir uma compreensão mais ampla da singularidade da rede expressa no fluxo interativo ocorrente num *círculo de cultura* (Freire,1987; Angelim,1988; Coutinho,1988; REIS,2000; Torres,2005), na CTAR e na complexa dinâmica do movimento social dos Fóruns estaduais, distrital e regionais de EJA pelo entrecruzamento das relações entre a base territorial, os segmentos e a diversidade de áreas temáticas.

Por ser direcionada explicitamente a sujeitos de saberes aprendizes, para além dos fundamentos propostos de sujeito político, epistemológico e amoroso (Reis,2000), o processo educativo que conjuga, simultaneamente, a Educação de Jovens e Adultos-EJA e a Formação de Educadores de Jovens e Adultos-EJA, hoje, pode exigir a contribuição dos estudos da neurociências e da psicologia analítica. A neurociências pode influenciar na compreensão da aprendizagem com o reconhecimento não só do cérebro-triuno (três cérebros:reptiliano, límbico, mental) como da ligação deste com o coração, ou seja, “hoje se sabe que o coração faz mais do que simplesmente exortar; ele controla e governa a ação cerebral por meio de hormônios, transmissores e possivelmente energias quânticas mais sutis”(Pearce,2002 p.111). A psicologia analítica pode contribuir na compreensão da subjetividade, nos seus diferentes níveis de consciência, enquanto processo de individuação (Jung,1980), em particular, de integração psicofísica (Farah,1995).

Buscando aproximações, é curioso se dar conta que a descrição tupi guarani-tubuguaçu do “corpo-som-do-ser” (Jecupé,1998), recentemente autorizada por uma das comunidades indígenas brasileiras de mais de 12.000 anos, assemelha-se aos *chakras* (roda em sânscrito) ou centros de inteligência de origem indiana (Leadbeater,1981) estudados no ocidente, entre outros, pela medicina vibracional (Gerber,1997), com destaque para a importância da glândula pineal – o ponto insonoro ou do silêncio interior (Barbier,2000).

A extensão como espaço de formação de educadores de jovens e adultos, em processo de construção, para além da potencialidade crítica e propositiva do re-pensar a universidade, a educação básica, os ambientes virtuais multimídia, os movimentos sociais em rede, pode contribuir no repensar a própria pesquisa em educação, enfatizando a pesquisa – ação existencial (Freire,1981; Barbier,2002; Brandão,2003) de sujeitos coletivos enraizados e implicados no processo de auto-hetero-ecoformação, segundo Galvani (2002) numa perspectiva transpessoal (Santos Neto,2006), transdisciplinar (Nicolescu,1999) e transcultural.

Há que melhor compreender o sentido da educação cuja libertação do oprimido liberta, também o opressor (Freire,1987). Eis nosso desafio!

Bibliografia

ANGELIM, Maria L.P. *Educar é descobrir - um estudo observacional exploratório*. Brasília: Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 1988. 2v.

_____.Educação continuada e a distância: a experiência da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília: In *Cadernos do CES*;n.9-Niterói-Rio de Janeiro:EdUFF,1997.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J.G.(Coord) *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. Revisão da tradução Sidney Barbosa. São Carlos: EdUFSCar,1998.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução Lucie Didio. Brasília:E.PIano,2002.

_____.A escuta sensível na abordagem transversal. In:BARBOSA,J.G. (Coord) *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*.Revisão da tradução Sidney Barbosa.São Carlos:EdUFSCar,1998.

_____.*Educador um “passeur” de sentido*. Tradução de David A.Ringoir.Revisão de Hélène Leblanc. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação/3ºCurso de Especialização em Educação a Distância 1999/2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo:Cortez,2003. (Série Saber com o outro;v.1)

Brasil – *Constituição Brasileira* de 1988.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida-uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*;tradução:Newton Roberval Eicheberg. São Paulo:Cultrix, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*.Tradução de Roneide Venâncio Majer v.1.São Paulo:Paz e Terra,1999.

COUTINHO, Laura Maria. *Ver e re-ver a educação*. Brasília. Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 1988.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *A era da consciência*.São Paulo:Ed.Fundação Peirópolis,1997.

DELORS, Jaques (Org.)UNESCO.*Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília,DF:MEC;São Paulo:Cortez,1998.

FARAH, Rosa Maria. *Integração psicofísica – o trabalho corporal e a psicologia de C.G. Jung*.São Paulo:Robe Editorial,1995.

FERREIRA SANTOS, Marcos. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho a a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In *Educação anti-racista: caminhos abertos*

pela Lei Federal nº 10.639/03/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade:Brasília:Ministério da Educação,Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade,2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra,1997.

_____ "Criando métodos de pesquisa alternativa:aprendendo a fazê-la melhor através da ação." In: BRANDÃO,Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*.SP:Brasiliense,1981.

_____ *Pedagogia do Oprimido*. 20ed.Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1987.

GALVANI, Pascal. A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In *Educação e Transdisciplinaridade,II/coordenação executiva do CETRANS.-São Paulo:TRIOM,2002.*

GARRAFA, Volnei (Org.) *UnB-Extensão: a Universidade construindo saber e cidadania*. Brasília. Editora da UnB, 1989.

GERBER,Richard. *Medicina Vibracional - uma Medicina para o Futuro*.Tradução de Paulo César de Oliveira. São Paulo:Cultrix,1997.

GrupoCTAR. *Outra educação a distância é possível - Comunidade de trabalho/aprendizagem em rede(CTAR)*. Anais.V Encontro Internacional Virtual Educa-Forum Universal de Ias culturas:Barcelona,16-18/junho 2004. CDRom www.virtualeduca.org
GTPA-FÓRUM EJA/DF, Ano1, nº01,Brasília-DF,março de 2006.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A Terra dos mil povos - história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo:Ed.Peirópolis,1998.

JUNG, Carl G. *Psicologia do Inconsciente*. Tradução de Maria Luiza Appy. Peetrópolis:Vozes,1980.

LEADBEATER, Rev.C.W. *Os Chakras ou os Centros energéticos vitais do ser humano*. Tradução de J.Gervásio de Figueiredo. São Paulo:Ed. Pensamento,1981.

LEONARDI, Victor. *Os navegantes e o sonho. Presença do Oriente na História do Brasil*.Brasília:Paralelo 15,2005.

LÉVY, Pièrre. *A inteligência coletiva – uma antropologia do ciberespaço*. Tradução de Luiz Paulo Rounet.São Paulo:Loyola,1998.

MATURANA R.,Humberto &VARELA G,Francisco . *A árvore do conhecimento - as bases biológicas do Entendimento humano*. Tradução Jonas Pereira dos Santos.São Paulo:Ed.Psy 11,1995.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Dulce Matos.Lisboa. Instituto Piaget,1995. Disponível em perso.club internet.fr/nicol/ciret/index.htm

.NICOLESCU.Basarab et ai.. *Educação e Transdisciplinaridade*. Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sornmerman.-Brasília:UNESCO,2000. (Edições UNESCO)

_____.*O Manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza.São Paulo:TRIOM,1999.

OLIVEIRA,Elsa. *Educação a distância na transição paradigmática*. Campinas São Paulo:Ed.Papirus,2003.

PEARCE, J.C. *O fim da evolução - reivindicando a nossa inteligência em todo o seu Potencial*. Tradução de Marta Rosas.São Paulo: Cultrix,2002.

PINEAU.Gaston. *A autoformação no decurso da vida*.Diretor do Departamento des Sciences de L'Education et de la Formations (Université de Tours) disponível em www.cetrans.com.br

REIS, Renato Hilário dos. *A contribuição da Extensão universitária na relação Universidade e população: o caso do campus avançado do Médio Araguaia – Programa Integral de Saúde Comunitária*. Brasília:Universidade de Brasília (dissertação de mestrado),1988.

_____.*A constituição do sujeito político, epistemológico e amoroso na alfabetização de jovens e adultos*. Tese de doutoramento. UNICAMP, Campinas, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*, Rio de Janeiro: Avenir Editora,1978.

_____.*O povo brasileiro - a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo:Companhia das Letras,1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*.2 ed.-São Paulo:Cortez,1996.

SANTOS, Milton.O País distorcido. In: RIBEIRO,W.(Org) *O Brasil, a globalização e a cidadania*.São Paulo:Publifolha,2002.

SANTOS NETO,E. *Por uma educação transpessoal – a ação pedagógica e o pensamento de Stanislau Grof*.S.Bernardo do Campo/São Paulo:Metodista;Rio de Janeiro:Lucerna,2006.

SILVA, G.Agostinho. *Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília*. Ano I,nº4/5.Lisboa,1964(p.24-36)

_____.Ensaio para uma teoria do Brasil,Espiral,nº 11-12(outubro de 1966) In *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa.Âncora,2000.v.1

_____.Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo, Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, nº3,Lisboa,1967 In *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa.Âncora,2000.v.1

SOUZA, Pompeu de. In:*UnB: invenção e descaminho*, Rio de Janeiro: Avenir Editora,1978.

TORRES, Maria M. *O cinema – a língua escrita da realidade – na alfabetização de jovens e adultos*. Brasília:Universidade de Brasília (dissertação de mestrado),2005.